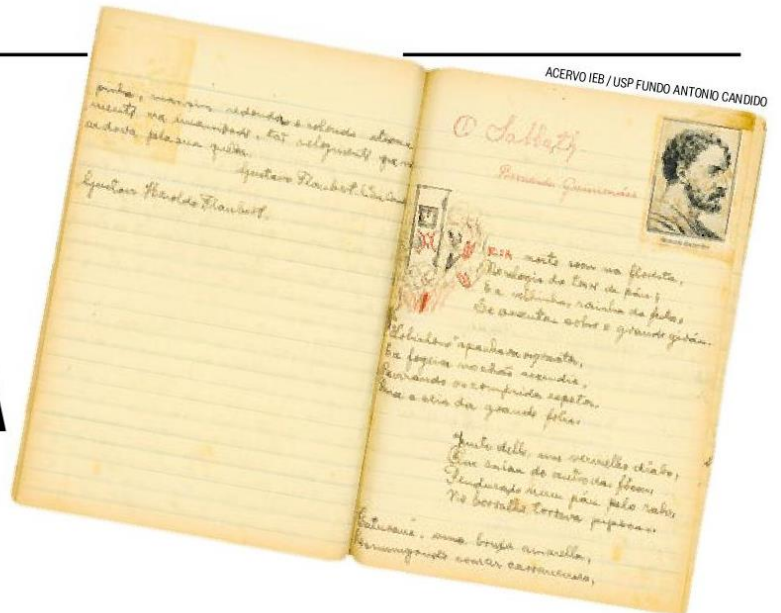


Antonio Candido

DIREITO À

LITERATURA

Exposição em São Paulo reúne cadernos, fotos e documentos do acervo pessoal de um dos maiores intelectuais do país



ACERVO IEB / USP FUNDO ANTONIO CANDIDO

ALESSANDRO GIANNINI

De São Paulo

alessandro.giannini@sp.oglobo.com.br

Logo na entrada do espaço onde está instalada a Ocupação Antonio Candido, no Itaú Cultural, em São Paulo, o visitante dá de cara com um tesouro literário. Uma fotografia em tamanho natural reproduz a estante na qual o crítico literário, sociólogo e professor, morto no ano passado, aos 98 anos, acomodou os cerca de seis mil volumes de obras que o acompanharam até o fim. A biblioteca física será doada para a **Universidade de Campinas (Unicamp)**.

— Ele chegou a ter 30 mil livros, mas doou quase tudo e ficou com o que considerava essencial — diz a designer e editora Laura Escorel, neta de Candido e curadora da exposição que fica em cartaz de hoje até 12 de agosto, na capital paulista. — Três estantes são dedicadas a (Marcel) Proust, um dos autores preferidos dele. Também pode-se ver livros do Oswald de Andrade, do Mário de Andrade, do Guimarães Rosa e do Graciliano Ramos, todos com dedicatória.

Essa é uma pequena amostra dos cerca de 250 itens expostos, entre fotos, objetos e documentos pinçados do acervo pessoal de Candido e de sua mulher, a professora e crítica de arte Gilda de Mello e Souza (1919-2005). No total, são mais de 50 mil itens, entre imagens e textos, além de 800 discos de vinil e fitas sonoras deixados pelo casal. Todo esse material foi doado para o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) e, com apoio técnico do Itaú Cultural, estará disponível para consulta pública a partir do próximo ano.

A seleção, que tem como inspiração o ensaio “O direito à literatura”, no qual Candido defendeu a produção literária como direito universal, busca mostrar como se dava o processo criativo do crítico.

— Três aspectos da personalidade dele vêm à tona: o intelectual, o educador e o militante — explica Laura. — Escolhemos itens que pudessem transmitir para o público esses universos que ele percorria. Documentos datilografados, manuscritos e artigos impressos revelam as três principais fases do trabalho com o texto e também a busca obsessiva por uma forma mais clara de transmitir o pensamento.



DIVULGAÇÃO/GUILHERME MARANHÃO

Perfeccionista. Antonio Candido e um dos cadernos (no alto) que, com outros mais de 250 itens, fazem parte da mostra. Anotações em textos revelam a forte autocrítica do intelectual

A designer e neta de Candido, que morou com ele até o fim da vida, diz ainda que anotações em diversos textos revelam a autocrítica do intelectual. Vários artigos foram revisitados e trazem observações do tipo: “Como pude escrever isso, como eu era ingênuo!”

A exposição é dividida em sete eixos. Destacam-se nesse conjunto parte dos 126 cadernos de anotações que o acompanharam durante toda a vida, até mesmo na elaboração de obras seminais como “Os parceiros do Rio Bonito” (1964) e “Formação da literatura brasileira” (1959). Também está contemplada sua atividade como jornalista e crítico literário, em publicações como “Clima” (1941-1944) e “Argumento” (1973-1974), além do “Suplemento literário”, criado por ele e publicado no jornal “O Estado de S.

Paulo”, entre 1956 e 1974.

Paralelamente à mostra, acontece o “Colóquio internacional Antonio Candido”, que começa hoje e vai até sexta-feira, com a participação dos escritores Antonio Prata e Luiz Ruffato, dos professores Celso Lafer, Marisa Lajolo e Walnice Nogueira Galvão, e do ensaísta José Miguel Wisnik. Participam, também, a professora e tradutora checa Šárka Grauová, da Faculdade de Letras da Universidade Carolina de Praga, e Pablo Rocca, professor da Universidade Federal do Uruguai.

Rocca é organizador do livro “Conversa cortada”, que traz a correspondência entre Candido e o crítico uruguaio Ángel Rama. O título será lançado pela Ouro sobre Azul, editora da filha do intelectual brasileiro, Ana Luisa Escorel. ●